

Os estereótipos sociais e as narrativas na construção das identidades sociais da pessoa com deficiência visual

Saulo César da Silva

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Mestre em Língua Portuguesa também pela PUC/SP e Professor do Centro Universitário FECAP.

Resumo: Os processos de interação na vida social são marcados pela maneira como as pessoas posicionam a si e ao outro, construindo-se diferentes identidades. Nas relações entre a sociedade e as pessoas com necessidades especiais, é possível observar que as chamadas: "diferenças" quase sempre prevalecem, marcadas por rotulações gerando verdadeiros estereótipos sociais. O objetivo deste artigo é propor uma reflexão a respeito de como as identidades sociais das pessoas com necessidades especiais, particularmente do deficiente visual, são construídas a partir da imagem negativa que tem por base valores cristalizados em nossa cultura e que se refletem, por exemplo, na literatura.

Palavras-chave: interação, estereótipo, identidade social, deficiência, visual e imagem.

Os processos de interação na vida social são marcados pela maneira como as pessoas posicionam a si e ao outro, construindo-se diferentes identidades sociais. Não raramente, nas relações interpessoais entre as pessoas com necessidades especiais e a sociedade, é possível observar que as chamadas "diferenças" quase sempre prevalecem como uma forma de se referir ao outro, conforme afirma CAVALIERI e BLANCO.

Apesar disso, pode-se observar que as questões sociais relacionadas à inclusão das pessoas com necessidades especiais vêm ganhando espaço nos meios de comunicação de massa, tornando-se reconhecidas como tema relevante.

Deixa-se assim uma tímida luz surgir em um cenário social eivado de preconceito secular onde se descobrem - por detrás de rótulos e estereótipos - pessoas aptas a darem a sua contribuição para a construção de uma sociedade melhor.

Houve avanços, isso é inegável como, por exemplo, a promulgação da Lei Federal 8.213/91, em seu artigo 93, incisos I, II, III e IV obriga empresas acima de 100 funcionários a disponibilizarem uma percentagem de vagas para pessoas com necessidades especiais. No campo da educação, também, o avanço é notório, podendo-se tomar como parâmetro a Lei de

Abstract: *The interaction processes in social life are marked by the manner people place themselves and the others, building different identities. In the relations between society and the people with special needs, it is possible to observe that the so called "differences" almost always prevail, marked by labeling that generate true social stereotypes. The objective of this article is to propose a reflection about the way the social identities of people with special needs are built from the negative image that has for basis crystallized values in our culture that reflect, for example, in literature.*

Keywords: *interaction, labeling, stereotype, social identity and image.*

Diretrizes e Bases da Educação – n 9394/96 (LDB) que garante e reforça a matrícula de todas as pessoas com necessidades especiais nas escolas regulares.

Passou-se, portanto, a se prestar mais atenção no ser humano que está por de trás de uma bengala, de uma cadeira de rodas ou de qualquer outra condição imposta por limitações físicas, mentais ou sensoriais.

Apesar dos inegáveis avanços, como os já comentados anteriormente, sabe-se que há ainda várias formas de preconceito geradas a partir de estereótipos que se perpetuam em nossa sociedade, criando valores culturais e conseqüentemente sociais.

Esses estereótipos, também definidos por SARUP,1996, como um processo de rotulação, são construídos a partir da limitação caracterizada pela ausência sensorial, motora ou mental, de acordo com Cavalieri BLANCO (1997), dando origem a verdadeiras caricaturas que perduram e se cristalizam no imaginário popular, como falarei mais adiante.

Realizando-se uma reflexão crítica a esse respeito e tendo como ponto de partida um conceito mais amplo de cultura, será possível identificar contextos discriminatórios gerados a partir da estereotipia social que estão presentes em nosso dia-a-dia. Muitas

vezes de forma subjetiva, observam-se esses estereótipos presentes na literatura, na música, nos jornais, ou seja, nos mais variados veículos de comunicação.

Freqüentemente, expressões associadas ao mundo das pessoas com necessidades especiais são empregadas indiscriminadamente. Um exemplo interessante é o caso de uma nota publicada em um jornal de Goiânia – versão eletrônica – em que o termo *autista* foi usado como sinônimo de irresponsabilidade e falta de comprometimento ético de uma determinada personagem política daquela região. Observe o trecho:

*Amado pela população, por ser simpático e ético, Sahium é tido como um político "meio **autista** (grifo nosso)". "Ele parece que, de vez em quando, desliga-se", admite um integrante do PSB. "Esperamos que não esteja deslumbrado", diz um vereador. "Ele não pode se isolar. Se não articular uma equipe de composição com outros partidos terá dificuldade para governar", sugere um auxiliar do governador Marconi Perillo. Até membros do PSB regional admitem que Sahium é "desligado" e pouco compromissado com o partido e seus líderes.*

Um outro exemplo ilustrativo encontra-se na abertura do capítulo 02, do livro: Comunicação Empresarial, que tem por objetivo discutir os meios de comunicação de massa e a indústria cultural. Abaixo do título do capítulo, há uma nota, atribuída a Millôr Fernandes, que diz: "*Pior cego é o que vê TV*".

Esse é um caso preocupante, principalmente, porque foi inserido em um material que é adotado em diversos cursos universitários e que tem por objetivo formar pessoas que trabalharão em empresas e que, certamente, terão destaque no cenário corporativo. Se o objetivo primeiro é educar, como não deixar de reparar um grave erro como esse?

Essa visão distorcida da deficiência nem sempre ocorre de forma intencional, mas pelo desconhecimento das pessoas no emprego adequado de terminologias específicas ou no mau uso de referências da cultura popular.

A escolha de termos afinados com as políticas de inclusão

não está relacionada apenas com questões de semântica, mas deve-se embasar em princípios éticos e educacionais. Para SASSAKI (2005), a terminologia deve estar em consonância com as perspectivas atuais da inclusão social, pois assuntos relacionados às pessoas com necessidades especiais são tradicionalmente tratados com preconceito a partir de estereótipos como foi comentado há pouco.

Neste texto, proponho uma reflexão crítica a respeito da maneira como os estereótipos sociais, ou a rotulação, segundo SARUP, 1996, são empregados e de que maneira estão relacionados à construção das identidades sociais da pessoa com necessidades especiais, particularmente a do deficiente visual.

Para iniciar, abordarei o tópico em que a narrativa surge como um elemento muito importante na construção das identidades sociais do deficiente visual, pois elas funcionariam, por meio da mediação discursiva, como um espaço onde os valores de uma determinada cultura se manifestam.

1. As narrativas na construção das identidades sociais

Baseando-se em ROLLEMBERG (2003), pode-se dizer que as narrativas têm a função de ferramentas na construção e reconstrução das identidades sociais, caracterizando um processo que se desenvolve no desenrolar do próprio narrar. Envolve, portanto, uma negociação dos seus valores e de como as ações devem ser compreendidas por quem ouve.

BROCKMEIER e HARRÉ (1997) caracterizam as narrativas como processos que funcionam como *modus operandi*, fazendo com que, nas práticas discursivas, nossas experiências sejam recriadas. Pode-se dizer que as narrativas são responsáveis pela construção de nossas histórias, de quem somos para nós mesmos e também para os nossos interlocutores. Ao empregarmos essa ferramenta narrativa, estamos agindo no mundo.

No processo de construção das identidades sociais, mediado pela interação discursiva, as narrativas têm sido definidas como detentoras de um papel central na maneira como é entendida a construção das identidades na vida social. Nas palavras de MOITA LOPES.: "as narrativas são instrumentos que usamos para fazer sentido do mundo a nossa volta e, portanto, de quem somos".

Portanto, o narrar é fundamental para se criar um sentido interno de si mesmo, ou seja, a como um dos mais importantes instrumentos empregados para transmitir e negociar esse si mesmo com os outros.

As pessoas ao construírem histórias estão construindo a si mesmas e ao outro como seres sociais e construindo as suas identidades sociais, pois "as narrativas como uma forma de organização do discurso, têm o potencial de criar um sentido de nós mesmos ao permitir que negociemos e construamos as nossas identidades sociais por meio dos eventos narrados"

Deve-se observar que o termo negociação é definido como a interação entre os participantes do discurso, sendo de fundamental importância saber o que os narradores estão contando e, ao mesmo tempo, localizar essa construção num contexto cultural maior.

Fundamentando-se em BROCKMEIER e HARRÉ (1997), pode-se afirmar que as narrativas têm a função mediadora entre as realidades individuais, culturais e também sociais mais amplas em que as pessoas estão inseridas. As narrativas nessa perspectiva tornam-se uma forma discursiva que é construída como parte do mundo em que se vive (BAMBERG, 2003).

2. Os estereótipos e a deficiência

As pessoas quando contam histórias das suas vidas umas para as outras estão construindo suas identidades sociais, pois estão se posicionando diante dos seus interlocutores e das personagens que povoam suas narrativas. Em outras palavras, em nossas narrativas refletimos a vida social historiada em si mesma. (MOITALOPES, 2003).

Nesse processo, surge um dos elementos importantes na construção das identidades e que SARUP (1996) denomina: processo de rotulação. As pessoas criam rótulos uma para as outras e quase sempre isso causa efeitos sobre elas mesmas.

Observa-se que essa noção de rotulação como estereotipia (ou como construção de estereótipos sociais), sob uma concepção psico-sociológica, está relacionada ao mundo das pessoas com necessidades especiais marcadas, muitas vezes,

pelo preconceito como já foi observado na introdução deste trabalho.

Exemplos interessantes de rotulação e de preconceito podem ser encontrados sob diferentes aspectos em nossa sociedade e que muitas vezes passam despercebidos pelos menos avisados. Retomando a idéia de lançar um olhar amplo sobre a cultura, com a finalidade de se identificar alguns valores culturalmente negativos que marcam a sociedade, particularmente a brasileira, citarei dois casos: um na literatura brasileira clássica e outro em uma anedota, gênero literário de forte tradição oral.

Iniciarei propondo uma reflexão sobre o conto: "O Apólogo brasileiro sem véu de alegoria", de Alcântara Machado, escrito ainda na primeira metade do século XIX.

A história faz referência a um motim que teria ocorrido no interior de um trem que ia de Magoari para Belém. Nesse motim, a depredação no interior dos vagões teria sido causada pela indignação dos passageiros pela falta de iluminação. Segundo a narração, após as investigações da polícia, chegou-se a um homem (identificado como uma personagem protestante) que revelou o líder do motim como sendo um cego. Foi desacreditado e preso como revela o trecho final:

Dada a queixa à polícia foi iniciado o inquérito para apurar as responsabilidades. Perante grande número de advogados, representantes da imprensa, curiosos e pessoas gradas, o delegado ouviu vários passageiros. Todos se mantiveram na negativa menos um que se declarou protestante e trazia um exemplar da Bíblia no bolso. O delegado perguntou: — Qual a causa verdadeira do motim? O homem respondeu: — A causa verdadeira do motim foi a falta de luz nos vagões. O delegado olhou firme nos olhos do passageiro e continuou: — Quem encabeçou o movimento? Em meio da ansiosa expectativa dos presentes o homem revelou: — Quem encabeçou o movimento foi um cego! Quis jurar sobre a Bíblia mas foi imediatamente recolhido ao xadrez porque com a autoridade não se brinca.

Ao final da leitura, percebe-se, ainda que de forma subjetiva, que a imagem do deficiente foi construída a partir do estereótipo social e cultural de que o deficiente visual não teria capacidade para

ter iniciativa. O autor procura construir, ao final do conto, um clima que acaba perpetuando, talvez não de forma intencional, o preconceito gerado a partir da imagem do deficiente incapaz e sem iniciativa para reivindicar algo. Fica assim sugerida para o leitor a seguinte pergunta: como um cego poderia iniciar um motim por falta de luz?!

Outro exemplo de estereótipo da identidade do deficiente visual construído na literatura popular é a anedota: "Colírio para um ceguinho".

Nessa narrativa, um menino cego de nascença tem suas esperanças de voltar a enxergar alimentadas a partir do momento em que o pai promete trazer-lhe um remédio milagroso, como presente de aniversário que está prestes a ser comemorado.

Os dias passam e o menino fica cada vez mais ansioso para ter o tal remédio. Às vésperas do dia esperado, cria-se o ponto alto para o desfecho. Observe a transcrição final do texto:

À meia-noite, toda a família do garoto se reuniu no centro da sala e aguardou o final das doze badaladas. O menino ouviu uma por uma, sofrendo. Bateram as dez, as onze e as doze!

- Agora, papai. Agora! O colírio. O pai pegou o vidrinho, pingou uma gota num olho. Outra no outro.

- Posso abrir os olhos? -- perguntou o menino.

- Não! - disse o pai. - Tem que esperar um minuto certo, senão estraga tudo.

- Vamos lá: Sessenta, cinqüenta e nove, cinqüenta e oito, cinqüenta e sete, e foi contando: trinta e quatro, e foi contando e o menino de cabecinha erguida esperando - vinte e seis, vinte e cinco, e foi, quinze, quatorze, e toda a família em volta.

Esperando, e dez, e nove, e oito, e sete, e seis, e cinco, e quatro, e três, e dois e um e já! O menino abriu os olhos e exclamou:

- Uê! Eu não estou enxergando nada! E a família toda grita:

- PRIMEIRO DE ABRILLLLLLLLL !!!"

Lendo-se o fragmento acima, identificamos um texto marcado pelo preconceito, pois, além de escarnecer os sentimentos humanos sob os mais diferentes matizes, constrói uma identidade do deficiente visual calcada no estereótipo também da incompetência, da incapacidade e da incompletude do ser que sem a visão está infeliz e caminha para uma vida sem esperança.

O conceito de estereótipo foi introduzido por volta de 1922 e como tantos outros conceitos em psicologia, torna-se difícil uma definição precisa para ele. A definição de estereótipo tem sido muito empregada na psicologia social, principalmente nas pesquisas que se preocupam em aprofundar o estudo do indivíduo.

Os estereótipos são considerados como algo negativo que tem de ser corrigido. Dentro da psicologia social, o termo estereótipo é usado para se referir aos estereótipos pessoais ou para definir os estereótipos sociais ou culturais. Os estereótipos pessoais são conceituados como as características atribuídas por uma opinião pessoal, individual e os estereótipos sociais ou culturais como um consenso coletivo determinado por uma dada sociedade. (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999).

Esses autores afirmam que os estereótipos culturais estão localizados dentro de uma determinada ordem moral e reconhecem que a nossa sociedade pode ser concebida como um conjunto complexo de ordens morais (algumas independentes das outras, algumas se sobrepondo às outras). Pode-se dizer que isso vale tanto para subgrupos como para a sociedade geral. Portanto, sempre existirão representações sociais diferentes para os mesmos objetos, por exemplo, um estereótipo cultural de filósofo poderá representar uma pessoa confusa ou ainda uma pessoa sábia ou ainda como alguém que faz coisas totalmente inúteis.

Segundo HARRÉ e LANGENHOVE (1999:132), "não existe uma única representação 'correta', verdadeira. O problema não é distinguir entre a falsa e a verdadeira representação, mas estudar como e por que certas representações emergem nas conversações de membros de uma comunidade".

Ainda a esse respeito, BAPTISTA (2000: 05) afirma que os estereótipos são formados a partir da distorção de impressões inadequadas dos outros. Essas percepções seriam incompletas e geradoras de grandes generalizações resultantes de processos sócio-cognitivos implicados na produção dos estereótipos como representação social.

Os estereótipos sociais podem ser analisados à luz, por exemplo, da teoria das representações sociais em que a idéia de estereótipo é constituída pelo processo de objetivação definida pela formação de um todo coerente por meio da seleção e da

descontextualização do objeto (BAPTISTA, 2000). Esse processo de objetivação é concluído com a naturalização dos padrões relacionais estabelecidos. Estes passam a ser vistos como categorias naturais e descritivas em que o estereótipo não aparece em primeiro lugar do seu conteúdo, mas surge do seu caráter rígido.

A idéia de estereótipo poderá se manter inalterada durante décadas, mesmo que sejam implementadas políticas de sensibilização, ou seja, campanhas desenvolvidas com o intuito de informar e esclarecer a sociedade a respeito de um determinado estereótipo.

As pessoas com necessidades especiais, por não se enquadrarem nos "modelos" idealizados pela sociedade como "perfeitos", passam a enfrentar situações de discriminação social, muitas vezes originadas a partir dos estereótipos sociais. Isso ocorreria porque a idéia que formulamos a partir de nossos conceitos, que são estabelecidos num dado momento sócio-histórico, "interferem em nossos pensamentos e ações com relação ao 'diferente'".

As situações de discriminação apontam para o preconceito que geralmente tem origem na comiserção, resultante do desconhecimento e da ignorância que acabam gerando distorções acerca da deficiência e da própria pessoa com necessidades especiais. (COSTA, 2000).

3. Conclusão

Pode-se perceber que o homem não possui uma identidade única. De acordo com o contexto social e cultural onde está inserido e das suas práticas sociais, diversas identidades poderão surgir. Ao trazermos dois exemplos das literaturas clássica e oral, percebeu-se que a construção das personagens cegas está embasada nos estereótipos sociais de incapacidade e de incompletude.

A incapacidade, marcada pela construção de uma imagem negativa do deficiente visual, no conto de Alcântara Machado, vai se confirmando em todo o narrar. Mas é no desfecho da história que essa marca mostra-se mais forte com o surgimento do seguinte questionamento subjetivo: como um cego

poderia se importar com a falta de luz se ele vive na escuridão?

Analisando-se criticamente o exposto há pouco, percebe-se que o problema vai muito além do aparente paradoxo criado entre a cegueira e a luz. É uma questão muito mais complexa que reflete a idéia – embasada em valores culturais e que se perpetuam até os dias de hoje – de que o deficiente visual é incapaz de lutar por algo que ele tenha direito.

A rotulação de incompleto ou de incompletude permeia o texto que narra a história do menino que queria um remédio para enxergar. Ao se analisar mais detidamente essa narrativa, observa-se que a personagem principal é marcada pelo rótulo de que para ter a compreensão do mundo e das pessoas é necessário o uso da visão, sem a qual o indivíduo estaria incompleto e desmotivado para viver.

Há também, neste caso, a construção de uma imagem negativa do deficiente visual que tem a sua deficiência colocada em destaque, servindo de motivação para a construção de um texto malicioso que apresenta uma imagem preconceituosa ou "defeituosa" do deficiente visual.

Essa visão, originada em valores negativos, arraigados em nossa cultura, reflete-se conseqüentemente nas relações interpessoais, regendo nosso cotidiano e contribuindo para a construção de uma identidade socialmente negativa. Torna-se fundamental, portanto, trazer essa preocupação, pois, dessa forma, poder-se-á dinamizar um fórum permanente para a reflexão e que contribua para a construção de uma identidade socialmente positiva da pessoa com necessidades especiais calcada na pluralidade potencial que cada ser humano tem e de como cada um poderá contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e humana.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAPTISTA, Maria Manuel . *Estereotipia e representação social: uma abordagem psico-sociológica*, 2003. <http://sweet.ua.pt/~mbaptista/toppage1.htm>
- BROCKMEIER, J. e HARRÉ, R. (1997). Narrative: problems and promises of alternative paradigm. *Research in language and social interaction*, 1997, p. 263-283.
- BRUNNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. *The culture of education*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- CAVALIERI-BLANCO, S. R. *As diferentes formas de linguagem nas interações em sala de aula de crianças surdas*, 1997. <http://lael.pucsp.br/intercambio/06indice.ps.pdf>
- COSTA, Valdelúcia Alves da. *Diferença, desvio, preconceito e estigma: a questão da deficiência*, 2000. http://www.geocities.com/baston_br/trabalho.doc
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP e A, 2003.
- HARRÉ, R. e VAN LANGENHOVE, L. *Introducing positioning theory*. In: HARRÉ, R. e VAN LANGENHOVE. *Positioning theory: moral contexts of intentional action*. Oxford: Blackwell, 1999, pp. 14-31.
- HOLLAND, D. (2000). *On the shoulders of Bakhtin and Vygotsky: towards a cultural-historical, social practice theory of identity and social movements*. University of North Carolina, 2000. <http://www.fae.unicamp.br/br2000trabs/2095.doc>
- LINDE, C. *Life stories. The creation of coherence*. Nova York: Oxford University Press, 1993.
- MACHADO, ALCÂNTARA. *O apólogo brasileiro sem véu de alegoria* http://www.releituras.com/amachado_apologo.asp
- MISHLER, E. (1999). *Storylines. Craftarts narratives of identity*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- MOITA LOPES, L. P. da *Discursos de identidades*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- _____. *Identidades fragmentadas*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MOSCOVICI, S. Notes Towards a Description of Social Representations, *European Journal of Social Psychology*, 1988, nº 6, 149-174.
- _____. The Phenomenon of Social Representations, In: *Social Representations*. FAN, R. & S.MOSCOVICI, S. (Eds.), 1984, London, Academic Press.
- PIMENTA, Maria Alzira. *Comunicação empresarial*. São Paulo: Alínea, 2005.
- RODRIGUES, R.L.A. A arte de construir um menino ao contar histórias em família. In: Moita Lopes (org) *Discursos de identidades*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003, pp. 67–88.
- ROLEMBERG, M. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e processo de construção das identidades aos 15 anos. In: MOITA LOPES, L.P. e BASTOS, L.C: *Identidades: recortes multi e inter-disciplinares*, 2003.
- ROTHENBURG, D. *Amudança de lula*. Correio Braziliense, 18 de agosto, 2003. http://www2.correioweb.com.br/cwEDICAO_20030818/col_net_18-803.htm
- SASSAKI, R. K. *As escolas inclusivas na opinião mundial*, 2005. www.entreamigos.com.br
- SARUP, M. *Identity, culture and postmodern world*. USA: The University of Geórgia Press, 1996.
- SCHIFFRIN, D. *Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. Language in society*, 1996, 25, p. 167-203.
- WERTSCH, J. *Vygotsky and Bakhtin on community*. Department of Education. Washington University Press, Mimeo, 1998.